

ARTIGO

SUCESSO NO APRENDER

Eurides Brito

É sabido que o centro de todo o esforço educacional deve ser o aluno. Foi por isso mesmo que ao longo de dez meses do nosso Governo, fizemos observações, realizamos levantamentos e encomendamos pesquisas externas para conhecermos, de forma mais aprofundada, com base científica e não emocional, o impacto do Programa Bolsa-Escola no Distrito Federal.

Os resultados obtidos, não confirmaram os postulados básicos que respaldam o Programa, pois a maioria esmagadora das crianças já estava na escola. Aliás, já na década de 70, o Distrito Federal ultrapassou a barreira de 90% no atendimento escolar às crianças de 7 a 14 anos, sendo, nisso, o pioneiro no Brasil. É só conferir com os dados do IBGE. Por outro lado, não possuímos atividades econômicas que utilizem amplo contingente de mão-de-obra infantil como carvoarias, canaviais ou exploração e tratamento do sisal, situações para as quais, consideramos o Programa Bolsa-Escola, mais que indicado. É como se pagar o "resgate" para que a criança usufrua o seu direito: ir à escola. Mais não é o caso do Distrito Federal. Tanto isso é verdade, que pesquisa conduzida pela Universidade Católica mostrou que apenas 14,2% trabalhavam antes de ingressar no Programa, baixando para 6,7% esse percentual, após nele serem incluídos. Estes estudam num turno e trabalham, informalmente, no outro, para complementar a renda familiar.



Outro postulado, o que os alunos beneficiados pelo Programa Bolsa-Escola teriam melhor rendimento escolar que seus colegas de turma, também não se confirmou, segundo a pesquisa realizada a nosso pedido pela Fundação Cesgranrio, apesar de um trabalho publicado pela Unesco/Unicef atestar o contrário. É de se ressaltar que este último trabalho utiliza pesquisa da própria Fundação Cesgranrio feita para o MEC (o SAEB/97). Contudo, vale lembrar que a amostra do SAEB 97, concernente às escolas públicas do Distrito Federal, é pequena (cerca de 500 alunos por disciplina), e não foi planejada para um estudo comparativo entre os alunos bolsistas e não bolsistas, o que não é o caso da pesquisa realizada pra nós este ano, e que teve como um dos objetivos fazer essa comparação. Foram, na ocasião, pesquisados 4.241 alunos.

Em suma, o Programa que lançaremos é o Sucesso no Aprender, que muda o foco do atendimento. Deixa de ser a família para ser a criança. Esta não pode deixar de ser beneficiada, por falta de interesse de um de seus irmãos. Em vez de entregar o dinheiro à família, asseguraremos o benefício à criança. No kit aluno ele terá o seu material didático, seu uniforme, seu calçado e a meia. Garantiremos o seu atendimento médico-odontológico. E, sua família receberá, automaticamente, pelo Programa Pró-Família, do Distrito Federal, a cesta básica.

Fica assegurado, assim, no Distrito Federal o atendimento ao aluno carente. Por outro lado, no próximo ano a Secretaria de Educação reimplantar os projetos A Escola Bate à Sua Porta e Visitador Escolar que trouxeram para a escola, mais alunos que o Programa Bolsa-Escola, conforme comprovam as pesquisas. Os atuais contemplados no Programa Bolsa-Escola devem nele permanecer, embora, a reportagem do Correio Braziliense, de 31 de outubro passado, enseje a necessidade de um recadastramento.

A co-existência dos dois programas, Bolsa-Escola e Sucesso no Aprender, propiciará um campo fértil para pesquisas e respaldará as tomadas de decisões governamentais, sem ranço político partidário, como devem ser as políticas públicas.

■ Eurides Brito é Secretária de Educação do DF.